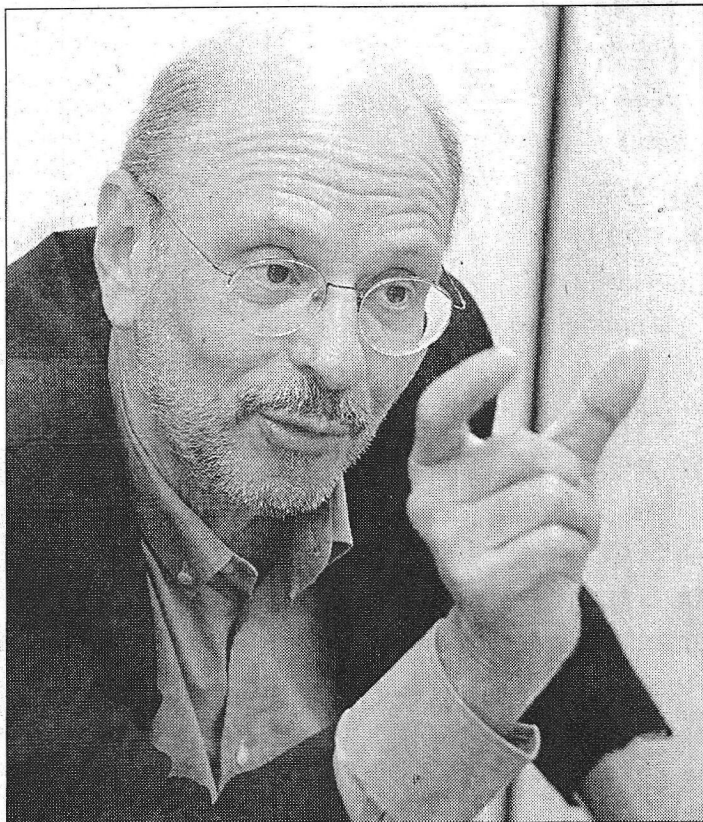


“O salário real está muito baixo”



“Sabemos o que não fazer com câmbio, o que fazer são outros quinhentos. Nem nós, nem Washington, nem Wall Street. Se há algum consenso, é o da ignorância”

Dionísio Carneiro chama a atenção para a queda da renda

O professor Dionísio Dias Carneiro, da PUC-RJ, reafirma a necessidade de o país ter contas públicas e externas minimamente equilibradas como requisitos para diminuir a instabilidade do país. Nesse contexto, ele destaca as reformas como essenciais para manter essa noção de equilíbrio e que o primeiro ano de governo é momento de passar as reformas.

– São medidas que já precisavam ser feitas a dois, três, cinco anos atrás. Algumas delas vão continuar sendo necessárias daqui a dois, quatro ou seis anos. Essa é a visão que precisa ser transmitida. Não vamos gerar o espetáculo do crescimento por causa das reformas.

Carneiro, porém, discorda da proposta de Bresser de que é preciso elevar o dólar. Ele admite que o câmbio está excessivamente desvalorizado, mas chama atenção para os salários.

– Custo a acreditar que a gente queira pôr tanta ênfase na taxa de câmbio diante de um salário real tão baixo. Esse é o ponto.

O professor da PUC lembra que com cenários internacionais favoráveis fica mais fácil financiar o déficit externo, e é difícil para qualquer governo resistir à tentação de crescer mais à custa de um déficit maior.

– Mas aceitar um déficit maior hoje significa fazer uma aposta contra o futuro.

Carneiro defende que é melhor deixar claro que governo não vai intervir no câmbio, porque a possibilidade de interferência é a senha para a fuga de capitais em tempos de escassez de recursos.

– Sabemos o que não fazer com câmbio, o que fazer são outros quinhentos. Nem nós, nem Washington, nem Wall Street. Se há algum consenso, é o da ignorância. Sabemos todos os defeitos, todas as patologias das políticas cambiais, mas temos muito pouca certeza sobre como manejar a taxa de câmbio.

Sobre o FMI, Carneiro destaca a crise de identidade.

– Deu-se ao Fundo um papel para o qual ele não estava nem aparelhado institucionalmente e nem havia consenso entre os seus próprios acionistas majoritários. Era um espécie de banco central internacional sem poder de emissão.